



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco, G. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach. F. Caldeira; F. Paula Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Desterro dos senhores de Pa'havan*, (conclusão), por Alberto Telles;—*Meu pae!* soneto, por Sergio de Castro;—*A geographia politica da Oceania*, por Pinheiro Chagas;—*O Prego*, conto, (continuação), trad. de Alfredo Gallis;—*O Pedrilo*, conto, por G. D.;—*As Hystericas*, por D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Pas-satempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*.—*A primeira aventura*, conto, por Eduardo Sequeira.

GRAVURAS:—*M dame Boucicaul*;—*Comde da Boa Vista*;—*A Familia Real Portuguesa*;—*Modas*;—*O Setter*.

CHRONICA

Vae-te, inimigo! Vae-te, e não temas que por isso haja da nossa parte um desperdicio de lagrimas sensivel. Não ha saudades na terra para ti, que, no decurso fugaz de doze mezes, lançaste na circulação uma bonita somma de setecentos e trinta disparates. Nem menos do que dois por cada vez que o sol illuminou no mesmo pento a superficie do orbz.

Descança em paz, brutinho! Some-te para sempre no chão do esquecimento, e deixa-nos benzer em bôa hora, n'esta suprema conjunctura de recebermos nos braços o teu irmão recém-nascido.

Este, demais, é bissexto; basta portanto que seja tão palerma como o seu finado antecessor, para que faça duas asneiras mais do que elle.

Setecentas e trinta e duas—caso de epilepsia. Dado que assim succeda, é natural que a revista de 1888 venha a ser escripta pelo sr. Thomaz Ri-



MADAME BOUCICAUL

beiro, advogado illustre, que, por amor das nove musas, tomou a peito a deffeza de quantos destemperos, com mais ou menos deprecadas, possam attribuir-se á larva de uns pequenos animaes, cujo desenvolvimento dá lugar aos macaquinhos no sotão. Ha, por signal, opiniões de que o poeta procura demonstrar, d'esta maneira um quasi nada indirecta, a verdadeira razão porque o D. Jayme, á luz de uma vela de cêra amarella, escrevia cartas á pequena, que eram perfeitamente uma dôr d'alma. O D. Jayme, coitado, tinha a doença.

Bem haja o novo anno, se aos primeiros passos que fizer no mundo, tiver para comosco a condescendencia de pôr de pernas ao ar o ministerio progressista. Não porque nós os portuguezes, devotos que sinceramente somos de Nossa Senhora de Não Me Masses, ó Menino!, tenhamos odio aos actuaes ministros; mas porque andamos já deveras enfatiados de ouvir mecher nas vidas particulares do *chalet* do Luso, do Porto de Lisboa e do sr. marquez da Foz. Para prova de que nem sempre o mal vem de tão alto, basta dizer que tem o marquez uma parelha, cujo magnifico trote provoca a pasmeira e que nunca, aliás, atropellou ninguem; ao passo que Riperts, americanos e carroças, a chouto, sem luxo de nenhuma especie, passam por cima de nós, todos os dias, com um desprendimento que faz suppôr que os brutos saibam de cór a phylosophia racional que se professa nos lyceus.

Diz um jornal democratico (virgula) que nada pode a policia contra semelhantes exaggeros dos animaes modestos, porque são as parelhas do sr. D. Affonso e as dos *marialvas* (outra virgula) que dão o exemplo das correrias desordenadas. Sendo porém incontestavel que d'esta phantastica desordem não resultou ainda brutalidade alguma, leva-nos isto a admittir que o jornalista se sente mais á vontade sob um quadrupede parado, do que a meia legua d'outro que vá de corrida.

A verdade, porém, é que toda a policia está sendo pouca para levar murros dos inglezes. Emquanto a esquadra se conservar ancorada na vasta bacia do Tejo, e a cerveja levar sumiço como succede agora, é realmente penoso o serviço policial.

Abrigado da chuva na *Gruta de Camões*, ali ao cabo da rua de S. Bento, ao mesmo tempo que esperava ansioso o churrião da Estrella, que nunca appareceu, lembro-me bem, tive eu occasião de ouvir um corajoso guarda da terceira divisão queixando se ao *Camões da Gruta* —um pobre velho que faz signaes aos carros e que vive d'isso—queixando-se, dizia eu, de que um homem não é de ferro, de que os marujos bebem que tem demonio, e de que, em summa, a culpa é do governo. E tinha lagrimas na voz, o pandego!

Este homem merecia uma transferencia para Coimbra, onde lhe ensinariam que não é indispensavel a intervenção estrangeira para se tourear em Portugal um cabo d'esquadra.

Ainda ha pouco, por occasião do sr. D. Francisco de Salles Maria Gonçalves Zarco da Camara ter *dado com a mão aberta*, como diz a sentença do reitor, no rosto do sr. Sanches da Gama, tendo um policia arremettido com o ousado estudante, foi desviado a tempo por uma capa que de recurso lhe lançaram. O animal investiu sem firmeza, tropeçou no trapo, e deu em seguida com os burrinhos n'agua.

Disse-se depois que o estudante fugira, o que, não estando em harmonia com o cavalheirismo de quem, na desvantajosa posição de discipulo para professor, procurou desaggravar-se em publico da affronta que em publico tinha recebido, era, de mais, perfeitamente desnecessario.

Fugir de quem? Para quê? O policia, coitado, foi curar se. Não era um criminoso que elle então buscava, era um boticario.

Este raio de colera suprema que excluiu por dois

annos, o que equivale a excluir por toda a vida, da frequencia da Universidade, um alumno d'ella; esta sentença que não foi seguida nem precedida de nenhuma outra em que fosse incluso com analogo rigor o lente que provocou tudo isso; esse mau modo que desceu da reitoria sem atravessar, ao menos, o conselho dos decanos, foi uma das grandes exquisitices do anno que, para bem de todos, já não pode fazer mais coisas tristes.

Este facto estabelecido como precedente na vida academica, leva a crer que d'ora avante, se o bestunto da mocidade estudiosa alguma vez se recusar a digerir pelos processos normaes uma theoria romba, terá de receber-a á força por intermedio de qualquer doutor em leis que, pousando na mão aberta, como diz o outro, a folha correspondente do alfarrábio, pregará com a mistura na bochecha do estudante refractario. E' um systema.

Dois annos de exclusão da Universidade de Coimbra não são agora uma desgraça enorme para quem tem em Paris outras escolas cujo grao é pouco menos accessivel, e cuja importancia não é de certo menor. Ora a presente victima do fóro universitario, D. Francisco da Camara, teve sempre, se me não engano, a intenção de concluir a formatura no estrangeiro, e pouco portanto se deve impressionar com o castigo que lhe inflingem e que afinal se traduz em começar mais cedo a sua carreira.

O que porém é desagradavel é que um rapaz como este, estimado por todos os collegas, que o teem quasi todos por amigo, attenciosissimo para com toda a gente, um dos poucos que ainda restam do velho typo fidalgo, venha passar á historia como provocador de desatinos que offenderam a pudibunda presença de umas damas.

Passou-se a scena n'um theatro de fantoches, e em Coimbra! uma barraca armada á pressa, na primeira rua. A companhia apresentava os seus trabalhos em presença do publico, que, de quando em quando, dizia as suas coisas... O mofo rapaz cavalga um banco. Apertalhe os joelhos, e o banco mette a trote. N'isto uma dama agasta-se, um D. Quichote inflamma-se, e prompto! Cá por Lisboa, o que fazemos nós no proprio theatro lyrico, quando se canta o *Ruy Blas*? Rimos, e não só isso, tambem dizemos a nossa piadinha, com prejuizo de muita gente honesta, que vae lá apenas para ouvir cantar, e que não acha graça nenhuma ao nosso espirito.

Verdade seja que para ouvia cantar, não se vae a S. Carlos em noite de *Ruy Blas*. A não ser que, quando a opera se repita, o que talvez não aconteça por estes annos mais chegados, seja mais comesinha a patuscada do que na *première*, onde, á excepção de Francisco de Andrade, que fez o mais que podia com semelhante companhia, e de Antonio de Andrade, que estava manifestamente doente, andaram todos de modo a resignar as honras da noite na pessoa de um creado, que fez o seu papel de tolo muito a contento do publico.

Ainda bem que o doutor Sanches da Gama não estava no theatro, com a familia, porque d'outro modo, attento o espirito bellicoso de s. ex.^a, incapaz certamente de soffrer a sangue frio tão grande charivari, teria havido n'aquella noite pancadaria sufficiente para matar de vergonha toda a tripulação da esquadra e mais dez pipas de cerveja fresca.

O doutor é um homem reforçado, desenvolvido, uma bella configuração de gladiador. O exercicio da sua prodigiosa musculatura teve portanto um vasto alcance plastico, ao mesmo tempo que demonstrava não ser o mundo propriedade exclusiva de meia dúzia de bandidos que desattendem, nas barracas de feira, as circumspetas pessoas dos *fantoches*, sem sombra de respeito pelas senhoras visinhas.

Saude ao anno novo.

Desterro dos senhores de Palhavan

IV

D. João de Santa Catharina de Jesus foi preso em 25 de junho de 1760 e D. Estevam da Anunciação no dia 21 de julho.

Interrogado a 28 de junho, D. João respondeu que, tendo amizade com o conde de S. Lourenço e com Bento de Moura Portugal, lhes ouvira dizer que os fundamentos da sentença dos Tavoras eram falsos ou inverosímeis, «porque inverosímil e falso o que as testemunhas juraram.»—Que também não era provavel que os fidalgos estivessem divididos em emboscadas na noite de 3 de setembro «porque haviam de estar juntos e não divididos.» Pois, «sabendo o marquez de Tavora que cousa era matar, não havia de consentir se atirasse com armas carregadas de chumbo, mas sim com balas. E que sendo o marquez mais capaz de atirar, por mais valoroso, não era crível deixasse elle de ser o primeiro, se alli se achasse, e não o duque, que para isso nada prestava. Que era impossivel a conferencia, que se diz os ditos fidalgos tiveram na mesma noite, junto ás casas do que foi duque de Aveiro; que só este e dois ou tres creados é que tinham confesado, e que os mais fidalgos tinham negado; e assim estes tinham morrido innocentes, e por necessaria consequencia estavam innocentes os padres da Companhia de que a sentença tratava.»

Verificaram se no primeiro de julho as segundas perguntas, e foi então que o reo denunciou o inquisidor geral como pessoa que murmurava do governo e das suas leis. E' assás curioso o modo como elle se exprime acerca dos tres irmãos, como os retrata:—«que isto affirmava do sr. D. José, que o sr. D. Antonio dizia e desdizia, e que o sr. D. Gaspar dava razão a tudo.»

E por essa occasião declarou ignorar sobre que versavam as conversações que os senhores de Palhavan tinham com o conde de S. Lourenço e outras pessoas que os procuravam, porque nunca assistia a essas visitas.

No dia 24 foi D. João interrogado pela terceira vez, na presença do secretario de Estado, conde de Oeiras.

As perguntas constaram dos seguintes pontos:

1.º que, tendo o conde de S. Lourenço largas praticas com os senhores D. Antonio e D. José, estava antes ou depois d'ellas fechado com o reo em conferencias secretas;

2.º Que o negocio de que tratavam com muito segredo era sem duvida de maior interesse do que as calumnias que, juntamente com outras pessoas, levantavam com frequencia, e sem reserva alguma, ao governo e ás suas leis.

Ao primeiro quesito respondeu o cruzio «que os negocios que tinha com o conde de S. Lourenço consistiam em ver nobiliarios ou livros genealogicos, para o pleito que elle, conde, trazia sobre a casa da Feira.»

Ao segundo «respondeu com uma absoluta negativa, de que nenhum negocio tinha com o dito conde, senão os que tem já declarado.» E acrescentou que ia com elle «para o gabinete que está antes da casa do Docel, onde lhe fallava sómente com a porta na tranqueta, e não fechada á chave,» sendo que o mesmo praticava com outras pessoas.

Instado, com ameaça de tortura, para confessar que negocio era esse de tanta importancia que ia tratar no gabinete da casa do Docel, «que fica ao norte d'ella, e por isso separado da communicação e frequencia das gentes,» quando era certo que os senhores de Palhavan só recebiam visitas de cerimonia n'aquelle quarto, fallando ao conde de S. Lourenço no outro opposto ao jardim e á casa do Truque, assistindo os creados no guarda-roupa, immediato áquelle, respondeu com outra absoluta negativa.

De novo instado e ameaçado de ser posto a tormento, se não declarasse «qual foi o objecto e o fim» com que assim tinha procedido,—persistiu na mesma negativa.

E nada foi possivel apurar de que resultasse alguma conjuração jesuitica.

D. Estevam da Anunciação, interrogado no dia 26, foi breve nas suas respostas. Causa muito interesse o que elle disse, e por isso o transcrevemos aqui:

«Perguntado se sabia ou suspeitava a causa da sua prisão, respondeu que sómente sabe ouvir. parece-lhe que ao sr. D. Antonio, que se dizia que o sr. D. José havia mandado buscar a casa do desembargador Ignacio Ferreira Souto um livro, que estava compondo, do poder que os reis podem exercitar nos ecclesiasticos criminosos, dizendo que era impostura que levantavam a seu irmão. E que também ouvira ao porteiro da canna dos ditos senhores, por nome José Carneiro, que um filho do pintor José Gonçalves lhe dissera que haviam deposto ao sr. D. José por ter prohibido umas conclusões que tratavam da mesma materia.»

Inquirido acerca das pessoas que iam visitar os senhores de Palhavan e o padre D. João de Santa Catharina de Jesus, e do conceito que fazia de cada uma d'ellas, respondeu que eram Antonio da Costa Freire, Bento de Moura Portugal, o conde de S. Lourenço, e os mosenhores Peixoto e Pestana; que ouvira dizer bem de Antonio da Costa Freire, que Bento de Moura lhe parecia

estucvado, que tinha o conde de S. Lourenço por entremettido, orgulhoso, amigo de novidades; e, finalmente, que não formava mau conceito dos mosenhores.

O conde de Merle, de certo bem informado, comquanto se nos mostre contrario ás idéas e á pessoa do grande ministro de D. José I,—«dando a razão porque havia sido preso o inquisidor geral, assegura que o fóra por haver representado ao conde de Oeiras que se espalhavam por toda a parte livros contra a religião sem a censura do Santo Officio; que o dito conde lhe havia promettido por n'aquillo cobro, se bem que fossem taes livros trazidos por estrangeiros; mas que, havendo-se novissimamente espalhado um que tinha por titulo *Da auctoridade real* (o mesmo acima dito *De potestate regia*), o qual atacava a religião, a auctoridade da corte de Roma e o respeito que se devia aos bispos e ao clero, e tendo este livro vindo de fóra e sido mandado espalhar pelo conde de Oeiras, este ministro exigira que o inquisidor o approvasse; que como nem o inquisidor geral nem o conselho geral do Santo Officio o quizesse fazer, e o inquisidor pedisse a sua demissão, por isso o ministro, para se vingar, o fizera prender.—Os meninos de Palhavan haviam sido desterrados para o Busaco. (1)»

Parece, pois, que as difficuldades movidas pelo inquisidor geral para a approvação de livros, e determinadamente para a da obra intitulada *De potestate regia*, fóra a causa immediata do desterro dos senhores de Palhavan, já malvistos do poder, porque em seu palacio havia «o habito continuo de se calumniar e malquistar temeraria e sacrilegamente o governo e as leis de sua magestade, com tantas e tão differentes pessoas, e tantos e tão continuados e successivos actos,» segundo escreveram nos autos os desembargadores que tomaram os depoimentos de Bento de Moura Portugal e dos padres D. João VI e D. Estevam da Anunciação.

Não admira que Sebastião José de Carvalho encabeçasse tudo isso n'uma conjuração jesuitica. A questão, posta n'esses termos, tinha um character mais solemne, mais politico E, sobretudo, quanto maior fosse (ou parecesse) a gravidade do crime, tanto melhor assentava n'elle o demasiado rigor da justiça.

Assim o exigia a salvação do Estado!

ALBERTO TELLES.

(1) Visconde de Santarem—*Quadro Elementar*, t. VI, pag. 295. Officio de 22 de julho de 1760.

MEU DEUS!

Muito soffreu Maria.
Rojada aos pés da Cruz,
Quando morreu Jesus,
Sua unica alegria.

A Biblia diz que o dia
Logo perdeu a luz,
Que a treva se reduz
Em negra noite fria.

Senhor, só tinha um filho,
D'esta minh'alma o brilho,
Que brilho já não tem...

Levaste-m'ol! Esqueceste,
No mal que me fizeste,
A dôr da tua mãe.

SERGIO DE CASTRO.

A GEOGRAPHIA POLITICA DA OCEANIA

II

As possessões francezas n'esta parte do mundo dividem-se hoje em dois grandes grupos, o archipelago caledonio, e a Polynesia oriental.

A Nova-Caledonia, cuja capital é hoje Nouméa, celebrou-se ultimamente por terem sido para alli degradados os membros da Communa. A pouca distancia da Nova-Caledonia fica a ilha dos Pinheiros, de que o governo francez fez uma penitenciaria.

O archipelago das Loyalty consta de tres ilhas e está occupado pelos Francezes desde 1863.

Na Polynesia Oriental teem os Francezes o archipelago da Sociedade, quer dizer as famosas ilhas Taiti, que foram conside-

radas como um verdadeiro paraizo e cujos habitantes são apresentados como modelos de doçura e de bondade. Bougaville dá a ilha de Taiti o nome de Nova Cythera.

Divide-se o archipelago em ilhas de Barlavento, que são quatro, e em ilhas de Sotavento que são sete. Das ilhas de Barlavento, collocadas ha muitos annos debaixo do protectorado da França, e hoje a França, desde 27 de junho de 1880, soberana directa. Por essa mesma occasião foi estabelecido o protectorado francez nas ilhas de Sotavento, mas só depois de longa discussão com a Inglaterra é que esse protectorado alli se estabeleceu definitivamente no dia 25 de maio de 1882. Finalmente, a convenção com a Inglaterra, assignada em 24 de outubro de 1887, deixou a França a plena liberdade de annexar as ilhas de Sotavento.

As ilhas Marquezas, que são onze, e cuja capital fica na ilha Nonha-Hiva, pertencem á França desde 1843. O archipelago de Pomotu, que consta de setenta ilhas, está debaixo do protectorado francez. As ilhas Gautier, que são dez, pertencem a França desde 1843. As Tabuai, que são quatro, estão debaixo do protectorado francez, desde 1847. Em 1881 a França occupou a ilha Rapa, que ha-de ter grande importancia quando se abrir o isthmo de Panamá.

Finalmente a 19 de novembro de 1886, estabeleceu a França o seu protectorado sobre as ilhas Wallis, que se compõem de uma ilha central, cercada de um grupo de ilhotas madreporicas.

E' este um exemplo bem frisante das transformações que tem tido n'estes ultimos annos a geographia politica da Oceania. Dá ella origem a constantes negociações e a agitações continuadas no mundo politico. E' bem possivel, por exemplo, que os nossos leitores ouvissem fallar n'uma grave discussão que houve entre a França e a Inglaterra por causa das Novas-Hebridas. Chegou a haver ameaças de guerra, e o ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Flourens, ganhou fama por ter concluido com a Inglaterra, a esse respeito, uma convenção honrosa. E' bem possivel, porém, que uma grande parte dos nossos leitores nem saibam o que vem a ser a convenção das Novas-Hebridas.

Em primeiro lugar devemos dizer-lhes que as Novas-Hebridas foram descobertas por um navegador portuguez, um navegador da ultima hora, que, tendo empreendido as suas expedições no tempo em que Portugal estava unido á Hespanha, passa por hespanhol.

Esse nosso patricio, Pedro Fernandes de Queiroz, chamado *Quirós* pelos estrangeiros, descobriu no dia 1 de março de 1606 uma ilha grande, a que deu o nome de Espirito-Santo; é a maior ilha do archipelago, forma com a de Mallicolo e mais sete o grupo central, como as Bancks e as Torres formam o grupo oriental, e outras cinco o meridional.

Mais de seculo e meio depois da viagem do nosso Queiroz, passou por alli o navegador francez, Bougainville, em 1768, e deu-lhes o nome de Grandes Cycladas; mas logo atraz d'elle, em 1774, appareceu o inglez Cook, que lhes mudou o nome em Novas-Hebridas, e assim se ficaram chamando.

Como as Novas-Hebridas estão a pouca distancia da Nova Caledonia, a França teve sempre sobre ellas as suas vistas, e os Inglezes, pelo contrario, mostraram sempre grande ciúme de que alli os Francezes se estabelecessem. Comtudo em 1882 uma companhia franceza, que tomou o nome de companhia das Novas-Hebridas, comprou n'aquellas ilhas vastos terrenos, e no dia 1 de junho de 1886 a França estabeleceu nas Novas-Hebridas dois postos militares.

Houve por isso uma explosão de colera na Inglaterra e principalmente na Australia. A Australia parece que se prepara para vir a ser os Estados-Unidos da Oceania, e já está defendendo a maxima de que a Oceania deve pertencer aos Oceanianos, como nos Estados-Unidos se defende o principio de que a America é dos Americanos. As occupações francezas sobretudo irritam-na extremamente. Queixa-se dos estabelecimentos penitenciarios da Nova-Caledonia, e quando vio que a França alargava a sua esphera de acção por aquelles sitios, occupando as Novas-Hebridas, levantou um formidavel clamor, que foi ouvido na Inglaterra, e que levou o governo britannico a protestar contra a occupação franceza, chegando a haver, como dissémos, receios de guerra. A convenção de 24 de outubro de 1887 regulou a questão das Novas-Hebridas, de um modo ainda assim que não parece muito definitivo.

Dando aos Francezes o direito de annexarem as ilhas de Sotavento do archipelago da Sociedade, a Inglaterra obteve em troca que os Francezes retirassem das Novas-Hebridas os seus postos militares. Estabeleceu-se no archipelago uma especie de *condominium*. Uma commissão naval, composta de officiaes inglezes e francezes, vela pela manutenção da ordem nas Novas-Hebridas, empregando para isso navios ora de uma ora de outra nação.

Vamos a ver agora qual foi o quinhão que para si tomou a Allemanha, a mais nova de todas as nações colonias, mas que tem deitado, como se costuma dizer, os bracinhos de fóra.

Os almirantes allemães trataram de deitar a unha a tudo o que encontraram vago, e, como se vio na questão das ilhas Carolinas; aproveitavam mesmo o ensejo em que os donos tinham deixado ficar a chave na porta, para entrar muito sem cerimonia. Aqui está porém o que definitivamente occuparam.

Foram á Nova-Guiné, metteram-se entre as possessões in-

glezas e hollandezas, e occuparam em 1835 uma zona de 179 250 kilometros quadrados, cujos limites foram fixados pelo convenio anglo allemão de 6 de abril de 1886.

O decreto imperial de 17 de maio de 1885 collocou tambem debaixo do protectorado allemão o archipelago a que os allemães chamaram archipelago Bismarck, e que fica proximo da Nova-Guiné.

Finalmente em 1785 a corveta *Nautilus*, que andava pelo Oceano á caça ou á pesca de colonias, encontrou sem dono o archipelago Marshall, que comprehende 46 ilhas, as ilhas Brown e a Providencia, e occupou tudo isso. O decreto de annexação foi promulgado em Berlim em 1886.

Ha ainda na Oceania alguns Estados independentes.

Em Sumatra é independente o sultanato de Atchin.

Como dissemos no artigo anterior, a este sultano chamam os nossos antepassados, que alli tiveram frequentes batalhas, o reino de Achem; se está independente, não é por culpa da Hollanda, que fez o possivel para o submeter.

Na grande ilha de Brown existe o sultanato indigena de Brunei, e o Estado independente de Saramak, que tem uma origem romaneca.

Em 1837, um official inglez reformado do exercito da India, sir James Brook, foi-se estabelecer em Borneu, e auxiliou eficazmente o sultão de Bourei a reprimir uma insurreição. O sultão, grato aos seus serviços, deu-lhe o territorio de Saramak com 60 milhas de comprido e 50 de largo, em plena posse independente, com o titulo de rajah. O sultão de Bourei tivera uma idéa um pouco semelhaute á do rei Bobéche, que dava ao genro as provincias do Sul do seu imperio, que nunca tinham querido reconhecer a sua autoridade; Saramak estava em plena insurreição, mas o novo rajah não só restabeleceu a ordem nos seus Estados, mas ampliou-os. Morreu em 1868 esse official, que obtivera a mais vantajosa reforma de que ha memoria, porque se tinha reformado em rei. Succedeu-lhe seu sobrinho, sir Carlos, que é hoje o rajah de Saramak.

A Inglaterra porém já lança os seus olhos para aquelles lados, e um artigo publicado no *Século Dezenove*, importante periodo inglez, faz presentir que dentro em breve pertencerá Saramak á Inglaterra.

Um reino independente, que existe na Oceania, é o das ilhas Sandwich ou Hawai, governado hoje por Sua Magestade Kalakawa I. E' bem conhecido dos portuguezes esse archipelago, porque para alli se dirige uma numerosa emigração madeirense. Occupamo-nos já d'esse archipelago n'um artigo publicado n'esta mesma *Illustração*, e em que dissemos, como é verdade, que se suspeita fortemente que os Estados-Unidos estejam com as suas idéas sobre este archipelago.

Está independente o archipelago Gilbert, sem ter comtudo governo regular. Suspeitava-se que seguiria a sorte das ilhas Marshall, mas a Inglaterra e a Allemanha fizeram em 1886 um convenio, que se parece um tanto com o tratado de Tordesillas, feito no seculo XV entre Portugal e a Hespanha: traçaram uma linha de demarcação para as suas conquistas. Ora as ilhas Gilbert ficam na parte reservada á Inglaterra.

Em identica situação se encontram a ilha Maniki e a ilha Malden.

E' tambem independente o archipelago Cook, e está excitando a um tempo a cubiça da Inglaterra e da França. A isso deve provavelmente a sua independencia.

Se o archipelago Cook está sendo o *tertius gaudet*, o archipelago Samoa está sendo o *quartus gaudet*. Cubicam-n'o a Inglaterra, a Allemanha e os Estados-Unidos.

Em 1878 os Estados Unidos estabeleceram um deposito de carvão n'uma das ilhas; veio logo a Allemanha e estabeleceu um deposito de carvão n'outra; acudiu a Inglaterra e quiz o mesmo.

Emfim, as tres nações assignaram um convenio pelo qual reconheceram a neutralidade do archipelago de Samoa e a realza do chefe Maliétoa; mas a Allemanha, que não perde o costume de proceder muito sem-ceremonia, acaba de praticar um acto que se não liga muito com estas convenções. Como o rei Maliétoa recusava pagar uma indemnisação qualquer, os marinheiros de uma esquadra allemã desembarcaram, agarraram n'elle, prenderam-n'o, deportaram-n'o para a Nova Guiné, e deram o throno a um seu rival. E' claro que d'aqui a pouco o archipelago de Samoa está allemão.

Independente é ainda o archipelago de Tonga, cubicado pela Allemanha e pelos Estados-Unidos; independentes são a ilha Selvagem, a Vani-Koro, o grupo de Santa-Cruz, as ilhas Vulcano e as ilhas Bonin-Suma.

Estas ultimas, ou pelo menos uma d'ellas, a ilha Peel, estava para ser annexada... não imaginam por quem? Pelo Japão. Aquelle imperio asiatico tem tomado por tal forma os usos e costumes europeus, que até já aprendeu esta marosca das annexações. Em 1875 o governo de Yeddo mudou uma canhoneira á ilha Peel, com a intenção secreta de a annexar.

Mas as ilhas Bonin-Suma são cubicadas por nações mais poderosas. A Inglaterra já tem um estabelecimentosinho em Peel, estabelecimento cujos directores não acceitariam facilmente o dominio japonéz; se a bandeira britannica não fluctua já no archi-



CONDE DA BOA VISTA

pelago, é porque os Estados Unidos também estabeleceram um depósito de carvão na ilha Coffin

Tal é o estado da Oceania em dezembro de 1887.

PINHEIRO CHAGAS.

O PREGO

(CAUSA GÉLEBRE)

III

Cheguei a ***

Preparei a casa para receber minha futura esposa, solicitei, e obtive, como sabes, outro mez de licença, e arranjei todos os meus negocios com tal presteza, que, ao fim de quinze dias, encontrei-me em estado de voltar a Sevilha.

Dava advertir-te que durante aquelle meio mez não recebi uma só carta de Branca, apesar de lhe ter escripto seis.

Esta circumstancia trazia-me terrivelmente contrariado, e tanto que, tendo apenas decorrido metade do praso combinado, parti para Sevilha no dia 10 de abril.

Immediatamente, dirigi-me ao hotel, que tinha sido o ninho dos nossos amores.

Branca havia se ausentado dois dias depois da minha partida, sem dizer para onde fóra!

Calcula a enormidade d'aquelle desengano!

Não me escrever dizendo que partial!

Affastar-se sem deixar dito para onde se affastára! Fazer-me perder completamente o seu rastro!

Evadir-se, enfim, como um criminoso cujo delicto se descobriu!

Nem por um momento pensei em permanecer em Sevilha até 15 de maio, aguardando o seu regresso. A violencia da minha dor e da minha indignação, e a vergonha que sentia por ter aspirado á mão d'aquella aventureira, não deixavam logar a nenhuma esperanza, a nenhuma illusão, a nenhum consolo.

Estive mais tres dias em Sevilha, e a 4 de maio parti para Madrid, renunciando á minha carreira, para ver se a familia e o bulicio do mundo me faziam esquecer aquella mulher, que successivamente havia sido para mim o Paraizo e o Inferno.

Por ultimo, ha cerca de 15 mezes, tive que aceitar o julgado d'esta terra, onde, como véis, não vivo contente, sendo o peor de tudo que, no meio do meu odio a Branca, odeio muito mais todas as outras mulheres, pela simples razão de que não são ella.

Convences-te agora de que nunca chegarei a casar-me?

VI

O CORPO DE DELICTO

Poucos segundos depois de Zarco terminar a historia dos seus amores, chegámos ao cemiterio.

O cemiterio de *** não passa d'um campo ermo e solitario, semeado de cruces de madeira, e rodeado por um muro. Nem uma lapide, nem um jazigo altera a monotonia d'aquella mansão.

Ali descançam, na fria terra, pobres, ricos, grandes e plebeus, nivelados pela morte.

N'estes pobres cemiterios, que tanto abundam em Hespanha, e que são, a meu ver, os mais poeticos e proprios dos seus moradores, succede com frequencia que, para dar sepultura a um corpo, é mister exhumar outro; ou, para melhor dizer, que cada dois annos se deita uma nova camada de mortos sobre a terra.

Parte isto da pequenez do recinto, e dá logar a que á roda de cada nova cova se vejam mil brancos desposos, que de tempos a tempos são conduzidos ao ossuario commum.

Eu tenho visto mais de uma vez esses ossuarios. E na verdade merecem ser vistos. Figurem a um canto do cemiterio uma especie de pyramide de ossos, uma collina de marfim multiforme, um cerro de craneos, femures, canellas, humerus, clavículas quebradas, columnas vertebraes torcidas, dentes semeados aqui e ali, costellas que abrigaram corações, dedos dessiminados em phalanges, tudo secco, frio, inerte, arido, e poderão fazer uma triste idéa d'aquella suprema irrisão da humanidade.

E que contactos! Os inimigos, os rivaes, os esposos, os paes e seus filhos, todos juntos, misturados em pedaços.

E que estranho ruido produz um craneo chocando-se com outro, ou rolando do alto d'aquella montanha de ossos por sobre os restos de antigos homens!

E que sorriso tão insultante teem as caveiras!

Mas volvamos á historia. Eu e Zarco andavamos dando sacrilegamente com os pés n'aquelles restos inanimados, ora pensando no dia em que outros pés procedessem de igual forma sobre os nossos despojos, ora attribuindo a cada osso uma historia,

procurando achar o segredo da vida n'aquelles craneos onde talvez residisse o genio, agora vasilos como cellas de defuntos frades, ou calculando, outras vezes, pela configuração, se tal caveira pertencera a uma mulher, a uma creança ou a um velho, — quando os olhares do juiz ficaram fixos em um d'aquelles globos de marfim.

—Que é isto?! exclamou elle, retrocedendo um pouco; que é isto? não é um prego?

E assim fallando, dava voltas com a bengalla a um craneo ainda bastante fresco, que conservava algumas raras madeixas de cabello preto.

Olhei e fiquei tão assombrado como o meu amigo. Aquella caveira estava atravessada por um prego de ferro.

A cabeça chata do prego assomava pela parte superior do osso cerebral, enquanto a ponta sahia pelo que tinha sido ceu da bocca!

Que podia significar aquillo?

Da estranheza passámos ás conjecturas, e d'estas ao horror.

—Reconheço a Providencia, exclamou Zarco. Eis aqui um espantoso crime, que ficaria impune e que se revela por si mesmo á justiça.

Cumprirei com o meu dever, tanto mais, quanto me parece que o mesmo Deus me ordena directamente que proceda, ao pôr ante meus olhos a horripilante cabeça da victima. Pois juro não descançar até que o auctor d'este horrivel delicto expie no cadafalso a sua perversidade.

VII

AS PRIMEIRAS DILIGENCIAS

Zarco era o modelo dos juizes.

Vio logo n'aquelle assumpto um campo vastissimo onde empregar toda a sua intelligencia, todo o seu zelo e todo o seu fanatismo pelo cumprimento da lei.

Immediatamente mandou chamar o escrivão, e ali mesmo deu principio ao processo.

Depois de explicado como tinha sido encontrada a caveira, chamou o coveiro.

O lugubre personagem apresentou-se pallido e tremulo. Na verdade, qualquer scena entre aquelles dois homens, devia ser horrivel. Recordo-me litteralmente do dialogo:

JUIZ.—De quem pode ser esta caveira?

COVEIRO.—Onde a encontrou v. ex.ª?

JUIZ.—N'este mesmo sitio.

COVEIRO.—Pois então pertence a um cadaver que, por estar alguma cousa velho, desenterrei hontem para sepultar uma mulher que morreu á noite.

JUIZ.—E porque exhumou você esse cadaver e não outro?

COVEIRO.—Já disse a v. ex.ª. Para pôr a mulher em seu logar. A camara não quer convencer-se de que este cemiterio é muito pequeno para tanta gente como morre agora. Assim, não ha tempo para a terra comer os corpos, e tenho que trasladal-os meios vivos para o ossuario commum.

JUIZ.—E poderá saber-se de quem foi esta cabeça?

COVEIRO.—Não é muito facil, senhor.

JUIZ.—No entanto, é preciso encontrar um meio; pense friamente.

COVEIRO.—Encontro um.

JUIZ.—Diga-o.

COVEIRO.—O caixão d'este morto achava-se em regular estado quando o tirei da terra, e levei-o á minha habitação para aproveitar as taboas da tampa. Talvez conservem algum signal, como iniciaes, galões, ou qualquer outra d'essas cousas que se usam para adornar os caixões...

JUIZ.—Vejam essas taboas.

Emquanto o coveiro foi buscal-as, Zarco mandou a um dos seus officiaes de diligencias que envolvesse o mysterioso craneo em um lenço e o levasse para sua casa.

O coveiro chegou com as taboas.

Como esperavamos, encontraram-se em uma d'ellas alguns pedaços de galão dourado, que, sujeitos á madeira com taxas de metal, haviam formado com ellas letras e numeros.

Porém o galão estava podre e arrancado quasi todo, sendo impossivel rastabelecer os caracteres.

Mas Zarco não desanimou, e mandando arrancar todos os restos de galão, pelas taxas existentes e pelos signaes deixados por outras cahidas, recompoz o seguinte:

A. G. R.

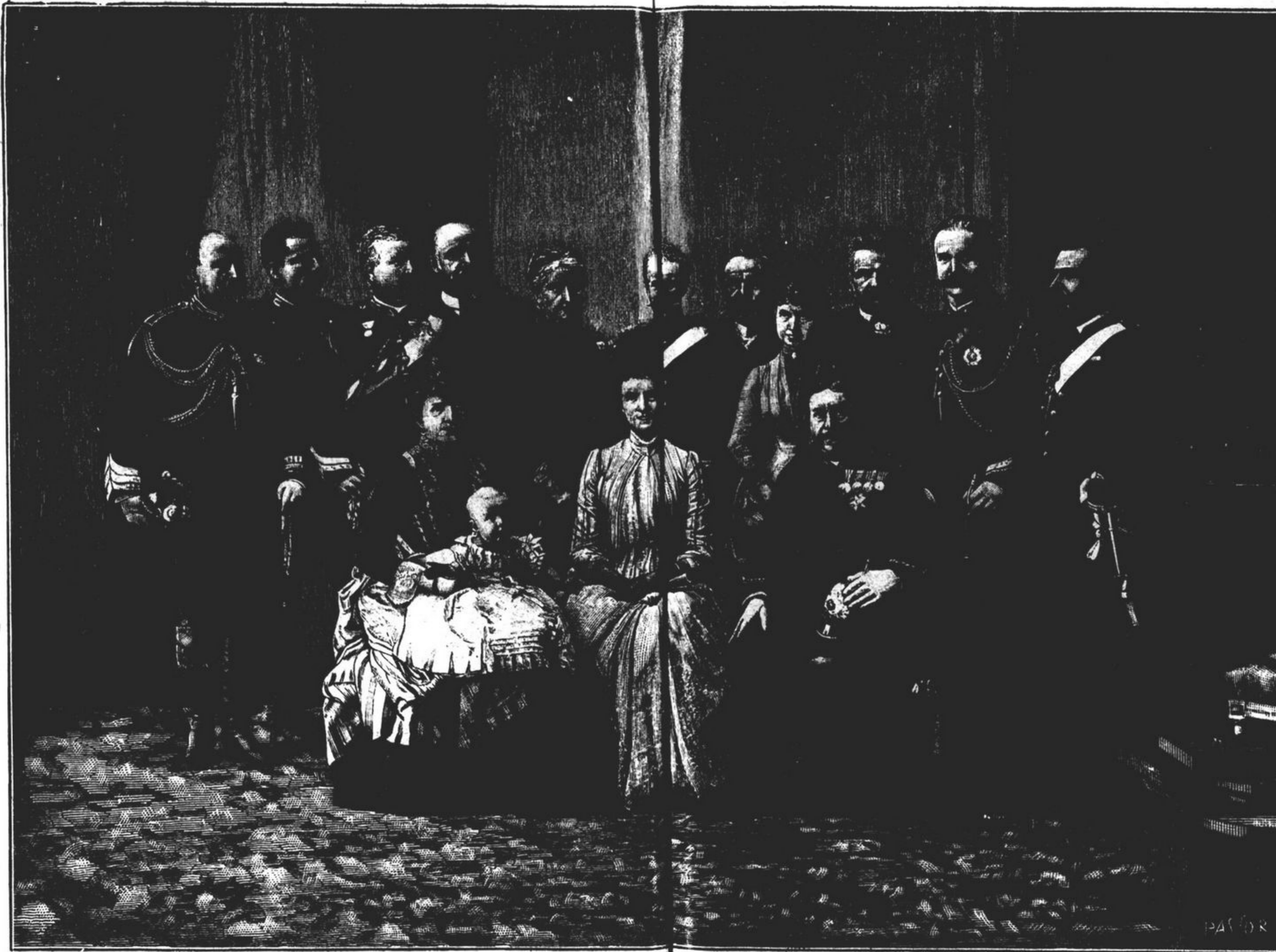
1843

R. I. P.

Zarco exultou de entusiasmo ao fazer esta descoberta.

—Isto é bastante, é demasiado, exclamou elle. Com este fio, percorrerei o labyrintho, e descobrirei tudo.

Entregou a taboa ao mesmo que tinha levado a caveira, e



A FAMILIA REAL PORTUGUEZA

(SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA DE FONSECA & C., do Porto)

S. M. A RAINHA D. MARIA PIA E O PRINCIPE DA BEIRA		S. M. EL REI D. LUIZ	
D. FRANCISCO D'ALMEIDA	S. A. O PRINCIPE D. CARLOS	CONDESSA DE MOSEMEDES	A PRINCEZA D. AMELIA
CONDE DE TAROUCA	CONDE DE FICALHO	CONDESSA DO SEISAL	O INFANTE D. AFFONSO
		CONDE DE SEISAL	MAJOR DUVAL TELLES
		CONDE DE MOSSAMEDES	CAPITÃO BENJAMIM PINTO

assim enriquecidos com toda a *mise-en-scène* d'uma horrenda tragedia, regressámos á povoação.

Sem descançarmos um momento, dirigimo-nos á parochia mais proxima.

Zarco pediu o livro dos enterramentos do anno de 1843. O escrivão percorreu-o com a vista, folha por folha, nome por nome.

As iniciaes A. G. R. não correspondiam ao nome de nenhum defunto.

Passámos a outra parochia.

A villa tinha cinco.

Na quarta que visitámos, o escrivão leu o seguinte no livro dos enterramentos:

«Na igreja parochial de San... da villa de... a 4 de maio de 1843, resaram-se officios funebres, conforme compete a enterro rico, e deu-se sepultura no cemiterio geral, a D. Affonso Gutierrez de Romeral, natural e habitante que foi d'esta povoação, o qual não recebeu os Santos Sacramentos nem fez testamento, por ter fallecido de apoplexia fulminante na noite anterior, na idade de 31 annos. Foi casado com D. Gabriella Zatará do Valle, natural de Madrid, da qual não'houve filhos. E para que conste, etc.»

Zarco tirou copia d'esta certidão de obito, e regressámos a casa.

Pelo caminho disse-me:

—Tudo vejo claro. Antes de oito dias terei terminado este processo, que tao escuro se apresentava a algumas horas. Levamos ali uma apoplexia fulminante de ferro, com cabeça e ponta, que deu morte repentina a D. Affonso Gutierrez de Romeral. Quer dizer: temos o prego, falta só encontrar o martello que o cravou...

(Continúa)

TRAD. D'ALFREDO GALLIS.

O PEDRITO

HISTORIA ENCONTRADA ENTRE AS PEDRAS DA RUA

Tinha sete annos apenas e chamavam-lhe o Pedrito. Nascera não sei onde, d'uma centelha d'amor, por certo. Sua mãe, uma bella rapariga de 16 annos, morrera dando-lhe o ser, coitada. O pae, um monstro, não fazia caso d'elle. De mez a mez, apparecia na mansarda onde a creança vivia, para ver se já tinha morrido de frio ou de fome.

Felizmente para o pobre abandonado, uma velhita caridosa e amavel, da visinhança, afeiçoara-se-lhe, condoera-se do seu infortunio. Viviam ambos d'alguns ossos dados pelo caixeiro do talho proximo e de talos e folhas de couve apanhadas aos cantos da rua ou nos barris do lixo.

Um dia, a velha cabiu doente, e morria de frio e de miseria.

Um medico do bairro veio vel-a, receitou, e disse ao pequeno: «Esta mulher precisa de calor, de bom vinho e de alimentos solidos».

Uma visinha trouxe-lhe, por esmola, um feixe de lenha. A pobre enferma podia já aquecer, junto d'um bom fogo, os membros euregelads e hirtos.

Isso porém não bastava. O doutor fallára em bom vinho, mas o vinho custava muito caro, e em casa não havia um real...

O Pedrito teve uma idéa. Desceu os degraos a quatro e quatro e foi procurar um napolitano, o Genaro, grande explorador de creanças, que morava á esquina da rua.

O pae, em tempos, ameaçara-o muitas vezes de o entregar áquelle homem antypathico e repellente, de rosto sinistro e sobrecenho carregado.

—Bom dia, senhor Genaro, disse-lhe o Pedrito; eu preciso muito de dinheiro para comprar uma garrafa de bom vinho...

—O que? Pois na tua idade, já bebes?

—Não é para mim, é para a minha velha companheira, que está a morrer.

E o pequeno historiou, por entre lagrimas, tudo quanto se passava.

—Está bem, respondeu o napolitano; encarrego-me da velhota, mas com uma condição: has de vir ter commigo á boquinha da noite, mudar-te-hei d'este bairro para outro mais affastado, e ninguem, absolutamente ninguem saberá o que foi feito de ti, ouviste? Não desejo que depois me accusem de roubar creanças...

O negocio ficou ali mesmo ultimado. Genaro cumpriu a sua promessa e a pobre velhita foi salva.

A boa mulher vive ainda, mas quando lhe fallam de creanças, as lagrimas afluem-lhe do coração aos olhos e exclama:

—As creanças! São todas o mesmo! Uns ingratos! Amparei uma durante sete annos, estimei-a como se fosse sua mãe, ou mais ainda, e abandonou-me cruelmente!...

Quanto ao Pedrito, cantou, dansou, mendigou de terra em terra, de rua em rua, mas seis mezes depois de ter começado a dansar, a cantar, a mendigar, o napolitano Genaro, seu amo e senhor, encontrou-o um dia morto sobre as palhas humidas que lhe serviam de colchão.

Pobre Pedrito!...

C. D.

AS HYSTERICAS

O hystericismo, doença symptomatica de uma geração de decadentes, attrahe hoje, simultaneamente, a attenção de todos os sabios, a curiosidade, vagamente compadecida de todos os humanitarios e a investigação de todos os pensadores.

Originada no profundo desequilibrio do systema nervoso, excitado pelas violentas e successivas luctas da vida moderna, tendo a sua séde no cerebro e a sua mola real no coração, esta doença offerce uma complexidade de aspectos, uma variedade de transições, uma multiplicidade de characteristics, que a collocam, por assim dizer, fóra da demarcação, rigorosamente scientifica, onde se exerce a pathologia, e que a levantam á região fantástica da chymera.

A mulher, a pobre victima das fatalidades biologicas e das hereditariedades morbidas, a eterna *dcente*, como lhe chamou, na sua phrase suavemente misericordiosa, Michelet, foi a presa cubçada pelo monstro.

Os nervos, demasiado impressionaveis, da mulher, abandonaram-a, quasi sem defesa e sem que a sciencia possa suspender-a á beira do abysmo, á suggestão demoniaca d'essa mysteriosa enfermidade, que nos apparece na Biblia sob o aspecto da possessa de Belzebuth, e a que a idade média attribuiu uma proveniencia sobrehumana.

Instigada pela sede de luz, que devorava Goethe, a critica tem tambem pretendido explicar as allucinações de uma personagem shaksperiana, pela influencia do hystericismo.

Sem entrarmos na apreciação d'essa theoria, que se nos affigura um pouco illogica e absolutamente hypothetica, é todavia fóra de duvida que o hystericismo não é uma doença moderna, como alguns pretendem.

O hystericismo, isto é a perturbação dos nervos, pervertendo na sua sythese a harmonia do nosso organismo, obscurecendo a limpidez do cerebro, pungindo e esphacelando, pela dôr phisica e pela dôr moral, o coração, envenenando-nos o sangue e povoando de larvas a nossa pobre cabeça desvairada; o hystericismo, tal qual elle se apresenta á incompetente analyse da sciencia, existio sempre nas suas causas primordiales, variando apenas nos effeitos.

O seculo do vapor e da electricidade, da febre mental e industrial; o seculo do *struggle for life*, das desmedidas cubças, das ambições desregradadas, das rapidas e vertiginosas concepções, em que o homem caminha sempre, impellido pela doentia exaltação de tudo saber, de tudo investigar, de tudo possuir; o seculo do positivismo, e do naturalismo, com os seus medonhos desencantos e as suas dolorosas decepções, com a abdicção d'esse Deus ignoto, o ideal, que illuminava, outr'ora, a nós todas, mulheres, a obscura e espinhosa vereda, ao longo da qual passamos como a sombra de um sonho; o seculo de Zola, emfim, não podia deixar de ser o seculo do hystericismo.

A litteratura apoderou-se da nevrose, como de uma musa dialecta, fertil em inspirações.

Raro é o dia em que não apparece em França um novo romance, baseado sobre um estudo phisiologico.

A forma peregrina, adorada e sempre devotamente acatada por Victor Hugo, a immortal pureza do estylo dos seus radiosos alexandrinos, da sua proza, artisticamente cinzelada, como uma d'essas maravilhosas obras primas, tocadas pelos cinzeis da Renascença, foram substituidos pela arida these scientifica.

A natureza, como pretendem os fetichistas do idolo de Médan, revolucionou a arte, e a arte—pobre querida Arte, deusa coroada de estrellas e eternamente lapidada pelos escribas...—a arte, affirmam os zolaistas, reconheceu que lhe pertence d'hora avante vulgarisar a sciencia e realisar, praticamente, por meio da these experimental, a instrucção technica das massas.

E desde que a infeliz despregou dos hombros as azas emplumadas, para enfiar á pressa a toga do erudito e para collocar no transparente olhar, que reflectia o azul do céu, os oculos fumados do sabio, a nossa alma, desamparada da sua protectora egide, privada de ouvir a harmonia ineffavel da sua voz, abandonada, como uma intrusa, no oceano revolto de todas as paixões, de todos os interesses de todos os vicios, perdeu irremediavelmente o thezouro das suas crenças, a fé romanesca que até ali a salvara, e enfermou, pobre engeitada que ninguem comprehende e a ninguem interessa, d'essa mortal doença contagiosa, doença do seculo, feita do desequilibrio dos nervos, da pobreza do sangue,

das trevas do espirito, da viciação do ambiente moral e da negação de tudo que outr'ora encantava e atraía á mulher.

Chamem-lhe hystericismo, chamem-lhe nervozismo, chamem-lhe naturalismo.

O nome pouco importa.

Se a sciencia lograsse arrancar-lhe das garras aduncas tantos milhares de victimas, que ella devora quotidianamente, é possível que desde esse instante a sciencia conquistasse o direito de impor a sua omnipotencia á arte; mas só a partir d'esse momento nós poderíamos preferir-lhe a luminosa e divina consoladora que possui, ella é, o segredo de entender as occultas e indefinidas aspirações do nosso coração, de confortar, com o seu balsamo unctuosos, os ignotos dilaceramentos da nossa alma.

Do hystericismo nasceu, como natural consequencia, a *morphinomania*.

A mulher buscou na morphina o calmante para a dor phisica, o atordoamento para a angustia moral.

A morphina era o repouso, era o sonho, abrindo no azul as suas azas diamantinas.

Que importava que a morphina desse a morte, se ella duplicava a vida, pela complexidade da sensação extatica e da visão etherea?

O vicio da morphina, tão enraizado em França, escolhendo de preferencia as suas victimas na mais aristocratica e na mais culta fracção da alta vida, não é menos violento do que o vicio do tabaco, acerca do qual Balzac escreveu: «Entre o pão e o tabaco, o fumante não hesita.»

A terrivel seringa de Pravaz, com a sua canula de ouro e a sua pequenina bomba de crystal, constitue o objecto, ardentemente adorado, pela hysteric.

A morphina evoca, no advento da lethargia, um aureo e alado enxame de sonhos dulcissimos; mas o veneno não perdoa, e á visão sorridente succedem-se os allucinadores phantasmas de um monstruoso pezadelo, os quadros dantescos de um inferno tumultuoso...

Foi n'esse tragico desvairamento que a desventurada duquesa de Chaulnes, e com ella tantas desgraçadas, depoz a pesada e ingloria cruz da vida!

Como já dissemos, é vastissima, em França, a galeria das hystericas litterarias, copia flagrante das hystericas mundanas.

O hystericismo e o hypnotismo impõem-se á imaginação de todos os novellistas modernos.

Entre um sem numero de romances, inspirados pela suggestão d'essa medonha enfermidade, destaca com um estranho relevo *L'Hystérique*, de Camille Lemonnier.

L'Hystérique, é um livro aspero, violento e doloroso, onde o autor colloca ante a nossa objectiva o vulto da protagonista, uma freira, possessa do delirio mystico, extasiada ante a intensidade do soffrimento que a devora, acceitando-o como um dom celeste, prostrando-se em contemplações asceticas e imaginando-se retalhada pelo mesmo ferro homicida que trespassou o corpo de Christo, no Calvario.

Camille Lemonnier analysa, com implacavel systematisação, o progressivo desenvolvimento da loucura cerebral, o lento entenebrecimento do pensamento, a decomposição do ser phisico nos jubilos do martyrio voluntario; o seu funebre quadro, emoldura-se em uma silenciosa communitade de beguinhas, onde passam figuras gelidas e furtivas, atravez de uma sombra morta de claustro...

A Estigmatysada, submettida á catechese de um padre fanatico, impetuoso e brutal, sente a sua piedade exaltar-se, e para manter-se no estado de pureza, exigido pela igreja, absorve-se em um recolhimento perpetuo, condemna-se a todos os tormentos, recusa comer, impõe-se privações atrozés, e offerce-se, como Thereza de Jesus, ao celeste noivo que a attraie.

O padre, o abbade Orléa, deleita-se, torturando essa alma, cuja santidade o inquieta e irrita. Da auctoridade evangelica, passa ao dominio inquisitorial. A freira, julgando-se votada ás penas do inferno, inventa novos supplicios para aplacar a colera celeste. Enterra pregos nas mãos e nos pés, crava uma agulha no peito, invoca, para o seu pobre corpo ulcerado, todos os tormentos da Paixão.

As crises hystericas tornam-se mais frequentes. As syncopes dão-se á sexta feira, á mesma hora em que expirou o Christo.

O quadro tem o largo e profundo traço das scmbrias telas de Goya.

O livro de Camille Lemonnier, que nos apresenta o hystericismo sob a nova phase, é uma obra violenta, exaltada, por vezes, irritante e penosa, mas onde se sente um poderoso esforço de artista.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

MADAME BOUCICAUT

A grande familia dos empregados do *Bon Marché*, de Paris, preparava para o dia 1.º de janeiro uma tocante manifestação em honra de madame Boucicaut, que devia ser condecorada com a Legião de Honra. A morte, porém, não permittiu aos homens coroarem aquella existencia tão rica d'actos meritorios e nobilissimos. Antes da projectada manifestação, a viuva Boucicaut morria quasi subitamente em Cannes, na idade de 72 annos.

A existencia de madame Boucicaut tem, em muitos pontos, um tanto ou quanto de lenda.

Nascida de simples camponezes em Verjux, aquella bondossissima mulher achava-se aos 32 annos de idade em Paris, exercendo a profissão de caixeira n'uma loja, quando Aristides Boucicaut, caixeiro como ella, a desposou e associou á sua fortuna nascente.

Possuidores d um pequeno estabelecimento de commercio onde, em 1852, tinham feito 60:000 francos de lucros, augmentaram pouco a pouco e crearam muito depressa a casa colossal do *Bon-Marché*, que conta hoje mais de 3:000 empregados e faz, annualmente, uma venda de 130 milhões.

E' sob o ponto de vista da economia social, que a obra de madame Boucicaut se torna verdadeiramente notavel. Todos os empregados tem interesses na casa, e 330 dos mais antigos possuem, cada um, uma parte de 50:000 francos no fundo social.

Isto tudo é regulado d'uma maneira methodica, que deixa a o mais pequeno empregado a esperanza de vir a ser um dia o chefe da casa.

Madame Boucicaut consagrou a sua immensa fortuna a espalhar em torno de si boas obras e consolações. Em Fontenay, onde residia quasi sempre, fez construir escolas e hospitaes. Verjeux, sua terra natal, recebeu d'ella um milhão de francos para construir uma ponte sobre o Saône. Em 1886, creando a caixa d'aposentações dos seus empregados, entrou para ella com 5 milhões.

Ferida nos seus affectos mais caros, pela morte de seu marido e de seu filho, ha dez annos, madame Boucicaut vivia retirada, occupando-se apenas em melhorar a situação dos seus empregados e socios. A sua morte mergulha esta enorme familia n'um luto profundo e sincero.

O testamento da virtuosa finada é uma verdadeira maravilha de previdencia e de bondade.

Desde o mais infimo empregado do *Bon-Marché* até ás instituições de beneficencia de Paris, ninguem deixou de ser contemplado.

A verba legada aos empregados da casa avalia-se em 16 milhões de francos.

CONDE DA BOA VISTA

Mariano Joaquim de Sousa Fayo, nasceu em Beja a 15 de setembro de 1844, e foram seus paes os srs. Joaquim José de Sousa, capitão d'ordenanças, e D. Josepha Balbina Fayo de Sousa.

Junto ao decreto que lhe concedeu o titulo de visconde, encontramos os seguintes apontamentos dos principaes serviços que tem prestado ao paiz.

«Em fins de junho de 1833, tendo apenas 18 annos, não duvidou arriscar-se no angariamento de algumas praças do batalhão de realistas de Beja, para fazerem parte do contingente dos patriotas, que d'aquella cidade, foram no 1.º de julho, fazer na villa de Serpa a aclamação de Sua Magestade a Rainha D. Maria II e da Carta Constitucional.

Em 9 de julho do mesmo anno, dia em que os liberaes de Beja, Serpa e seus contornos, reforçados por 50 francezes, foram atacar as forças realistas, que se achavam n'aquella cidade, movimento, que atrahindo a divisão de Mollélos, ahí deixou livre a passagem sobre a capital á divisão do nobre duque da Terceira, que havia desembarcado em Areias Gordas, no Algarve; alistou-se como simples voluntario e acompanhou as forças liberaes no seu regresso para Serpa, e d'ahi para Mertola.

Organizado o batalhão de voluntarios de Beja, fez parte d'elle entrando em todas as operações a este commettidas, em Mertola, Castro Marim, e na profiada lucta, que se travou nos diversos pontos do litoral do Algarve, entre es liberaes e sectarios do governo intruso; durante o longo periodo que ella durou, tornou-se assaz conhecido pela sua bravura, sendo, bem como os seus camaradas, louvado pelas auctoridades superiores, entre as quaes foi uma das mais illustres e activas o Marquez de Sá da Bandeira, que presenciou com que denodo se houveram na defeza de Olhão, em numerosos ataques, em Faro, Villa Nova, Lagos, Loulé, em diversos recontros na propria Serra; sendo não menos certo, que no começo de seus serviços se manteve á sua custa.

Terminada a lucta, foi, pelos voluntarios, seus patricios, eleito capitão da 1.ª companhia do batalhão movel de Beja, e sabido é quanto este corpo fez, não só para exterminar os guerrilhas dos Barvas e Remechido, mas tambem para livrar aquelle districto



MODAS

malfeitores, que a título de guerrilhas punham em dura oppressão os seus habitantes.

Também é sabido que, pelo seu affecto ás instituições liberaes e principios d'ordem, sempre que preciso foi, não duvidou sacrificar a sua pessoa e bens.

Entre muitos factos consta que em 1846, achando-se em Lisboa, por isso que foi obrigado a evadir-se de Beja, em razão de não ter a força militar obedecido ás ordens que lhe foram emanadas pelo ministerio de 6 d'outubro, foi então instado pelo governo e nomeado tenente coronel commandante do Batalhão Nacional de Caçadores de Beja, que se achava de guarnição na praça d'Elvas.

O serviço que ali prestou foi tão valioso, que fez terminar as dissensões, que se davam entre o povo e a tropa, merecendo o seu batalhão os louvores do governador militar da praça, pela sua boa conducta e disciplina, para o que decerto muito concorreu a solicitude com que occorreu a todas as necessidades para que lhe não faltasse o preto e o preciso para os fardamentos, adiantando as quantias necessárias, o que tudo se comprovou no ajuste de contas ao seu batalhão, nas quaes, longe de se conhecer alcance, ficou crêdor á fazenda.

Quando terminou a lucta, o governo perguntou-lhe o que queria; respondeu, que para si nada, mas deseja que os seus officiaes fizessem condecorados e 6 praças por companhia; o governo respondeu-lhe, que não podi disinguir o seu batalhão sem primeiro começar pelo commandante, dando-lhe por essa occasião a commenda de Christo, e satisfazendo aos seus desejos.

Não poupou jamais despezas e sacrificios quando no seu districto foi preciso praticar actos meritorios; não menos foi um dos que mais se empenhou para que fossem do melhor modo possível hospedadas Suas Magestades, quando se dignaram honrar a cidade de Beja com a sua visita.

Pelo seu caracter valedor, e bons serviços, tem attrahido a estima dos seus concidadãos, aos quaes tem merecido a honrosa distincção de o elegerem nas legislaturas de 1857 a 58 e 60 a 68, para seu representante em côrtes, deixando de o ser pela incompatibilidade do cargo de governador civil de Beja, com que o ministerio o honrou em 25 de janeiro de 1868, e que tem exercido por mais de uma vez; sendo o seu governo um dos melhores que Beja tem tido.

Foi em 22 de abril de 1869, que o governo o agraciou com o título de visconde da Boa Vista, sendo já fidalgo cavalleiro da Casa Real, por alvará de 29 de março de 1856, e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; tem também a Cruz de Bronze, dada pelo conselho de Soccorros Humanitarios de França; a gran-cruz de Carlos III de Hespanha, e a de S. Gregorio Magno.

Em 22 de outubro de 1883 foi agraciado com o título de conde, e em 2 de dezembro de 1885 foi eleito par do reino. Em 30 de março ultimo foi novamente reeleito.

Ainda ha pouco desempenhou o logar de presidente da camara municipal de Beja, e tem prestado muitos outros serviços ao paiz e especialmente ao seu districto, como muito bem sabem os seus patricios e amigos.

Aos 73 annos o sr. conde da Boa Vista trabalha como se tivesse trinta. E' a idade em que descansam os que nunca trabalharam; pode servir de exemplo a tantos, que se ju'gam dispensados de trabalhar, porque a fortuna herdada os poz a coberto dos baldões da sorte.

O sr. conde é um dos maiores lavradores de Beja, dando grande desenvolvimento aos trabalhos ruraes das suas propriedades, e fallando com singular modestia dos resultados que colhe da applicação de novos processos agricolas, ou do emprego de modernas machinas, e só com enthusiasmo do modo porque a terra lh'o agradece.

A FAMILIA REAL PORTUGUEZA

O grupo que hoje reproduzimos é copia d'uma bella photographia que a familia real tirou no atelier União, do Porto, quando ha pouco ali esteve.

No primeiro plano vêem-se, assentadas: S. M. a rainha, com o príncipe da Beira no regaço; a princeza D. Amelia e el-rei o sr. D. Luiz.

Por detraz agrupam-se, contando do lado esquerdo, o sr. D. Francisco de Almeida, o sr. conde de Tarouca, o príncipe D. Carlos, o sr. conde de ficalho, a sr.^a condessa de Mossamedes, o sr. infante D. Affonso, o sr. conde de Mossamedes, a sr.^a condessa e o sr. conde de Seisal, o major de engenheiros, sr. Duval Telles e o capitão de artilheria, sr. Benjamim Pinto.

Todos estes personagens acompanharam a familia real na sua digressão ao norte do reino.

MODAS

Toilette de baile

Saia caberta de tiras ao alto de bordados a côres diversas,

intercaladas com applicações de ponto de Inglaterra. Carpete de velludo preto, com peitilho e voltados de renda e laços nos hombros. Grande cauda de velludo. Luvas muito para cima do cotovello. Na cabeça, um molho de margaridas e uma estrella de brilhantes.

O SETTER

Descende, segundo os entendidos, do cão da Terra Nova, e parece, segundo também elles dizem, ter sido introduzido em Inglaterra pelos primeiros navegadores, que aportaram ao continente americano.

E' quasi o mesmo que o «pointer» e muito parecido com o «epagneul» ou «setter francez».

Comtudo, o «setter» de que se trata, é inglez, de fórmulas muito delgadas, de pello macio, sedoso e brilhante.

Na côr variam; uns são pretos, outros côr de fogo, etc. São doces, ageis e sagazes. Querem em extremo ao «pointer.» Sobre este assumpto, conta E. Gayot, o seguinte curiosissimo caso:

«Uma cadella, chamada «Juno», magnifica «setter», d'indole acariciadora, e notavelmente meiga, viu um dia entrar em casa de seu dono, um gato pequenino que ainda mamava e que n'aquelle momento acabava de ser roubado ao carinho materno; á primeira approximação da cadella, cuja intenção era affagalo, testemunhou aquelle especimen da raça felina a aversão hereditaria de todos os individuos da sua especie pelos cães. «Juno» ao contrario, pareceu possuir-se d'um sentimento maternal pelo orphãozinho, e mostrou-se resolvida a vencer a antipathia que elle lhe manifestava d'um modo tão hostil.

Todo encolhido, e prompto para formar salto, com o pello eriçado, voz e olhar ameaçadores, gesto expressivo, e uma das mãos em attitude d'investir, aquelle brutinho intimava o seu «vis-a-vis» a que não se mexesse d'onde estava, a que não desse nem mais um passo, sob pena de lhe experimentar as unhas e os dentes.

A intelligencia de «Juno» comprehendia perfeitamente aquella linguagem; a intenção do ingrato animalejo era significativa; ella, porém, tinha a sua idéa fixa, e não era cadella que renunciasse por tão pouco.

Insistiu, manifestou ao seu inimigo tanta amenidade, pela expressão do seu olhar, tanta e tanta affabilidade nas suas maneiras, tanta paciencia e meiguice, taes gaifonas lhe fez, avançando ou recuando, segundo as disposições mais ou menos hostis e irritadas d'aquelle adversario, que alcançou por fim captival-o, adoptando-o como se fôra seu filho.

«Juno» acabara de crear, e ainda tinha leite, unico sustento que o gatinho conhecia.

Feito o conhecimento, não tardou que chegasse a confiança.

A boa cadella offereceu-se de tão boa vontade, collocou-se tão commodamente, as suas tétas tiveram taes attractivos, que o resultado dos seus esforços foi em poucos minutos ficarem as pazes estabelecidas em bases solidas.

Eil-os logo deitados juntos, em frente do fogão, elle mamando, ella lambendo-o e acariciando-o com verdadeiro amor.

Desde aquelle momento nunca mais se separaram, e uma viva amizade uniu «Juno» ao felino animalejo, que lh'a retribuia da melhor maneira que lhe era possível, modificando um pouco os seus maus instinctos.

O tal gatinho chegou a ser gato, e tornou-se caçador. Percorria os mattos e os campos circumvisinhos, mas á hora certa da comida era pontual em comparecer em casa.

Já acostumados, elle e a cadella, comiam juntos no mesmo alguidar, sem sofreguidão nem inveja um do outro, e quasi diariamente emprehendiam um divertimento mais ou menos prolongado e que se tornava agradável para ambos: corriam, saltavam, arremessavam-se mutuamente ao chão, mordiam-se, em resumo, recreiavam-se «amigavelmente;» e pôde-se affirmar que era «amigavelmente», porque nunca se feriam, porque nunca aquelle folguedo terminava como outros, a mal tendo começado a bem, e não só se não magoavam com as mãos ou patas, mas até as unhas e os dentes dos dois animaes pareciam estar embotados.

Tudo isto se passava sem a mais leve sombra de malicia ou má intenção, e brincavam com tanta cautella, que nem uma só vez por acaso houve motivo para se assomarem. Era, portanto, prazer completo.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Este instrumento e esta planta gosta de socego—1—2
Todos teem compaixão d'este psixe—3—1

Este instrumento, no garrafão, é rede—2—1
E' fluido na bocca e está incendiado—1—2

HOPE.

(A Ricardo d'Almeida)

Se tu trocas a final
Da minha primeira parte,
Has de vel-a por signal
Figurar em certa arte.

Agora as duas finais,—
—Segunda á prima anteposta
Diga lá, leitor, se gosta
Se no leite a lobrigas.—2

Finalmente, se pretendes
O todo meu descobrir,
Em todos nós—vé s entendes —
Deve o conceito existir.

Santa Comba Dão.

MARTINS AENEIRA.

Problema

Thereza e Manuel têm um certo numero de laranjas: se Manuel der uma laranja a Thereza, esta ficará com o terço das d'aquelle. Se, pelo contrario, Thereza der uma laranja a Manuel, este ficará com o quadruplo das d'aquelle.

Quantas laranjas tem cada um?

Idanha.

Christiano.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Pangaio—Goleta—Misericordiosamente—
Marte—Alemquer—Penamacor—Monforte—Girasol—Marreco—
Caçarola.

C a p o t e
a l i c e
p i n a
o c a
t e
e

DO LOGOGRIFHO:—Antonio Rodrigues Brancal.

DA PERGUNTA ENYGMATICA:—Lynce.

DO QUEBRA-CABEÇAS:

S o l a m
e b r i o
r e c r u
p o d e r
a r a r a

A RIR

No tribunal da Boa Hora:

● **Juiz.**—E' accusada de ter embriagado um homem, cortando-lhe depois a cabeça, para lhe roubar o relógio. Confessa o crime?

● **A accusada.**—Perdão, sr. juiz; o exemplo de Judith foi que me perdeu!

Entre mulheres:

—E' muito triste, em verdade, para nós, as mulheres, chegarmos aos 40 annos!...

—Tristissimo! Os homens põem-nos logo de quarentena!...

UM CONSELHO POR SEMANA

CIMENTO PARA COMPOR AS PORCELANAS E AS LOÇAS

Coza-se em agua, durante alguns minutos, um pedaço de crystal, que em seguida é pitalo, pensad' por um ralo muito fino, e se mistura com clara d'ovo.

A tenacidade e resistencia d'este cimento são tão grandes que os objectos compostos com elle não tornam a quebrar-se mais pelo mesmo sitio.

A PRIMEIRA AVENTURA

O comboio partira n'um vagar cadenciado, que desagradavelmente fazia oscillar todos os trens; mas pouco a pouco foi lhe augmentando a velocidade, até se precipitar n'uma carreira doida, vertiginosa, atravez os espessos matagaes que orlavam a estrada ferrea, que se perdia ao longe entre montes elevados e precipicios medonhos, de profundidades immensas.

Carlos, achando-se sózinho n'um dos compartimentos do wagon, recostou-se commodamente nas fôfas almofadas de estofado vermelho, e poz-se a scismar na viagem que encetára para fugir ao tédio produzido pelo morno ambiente da aldeia, sem uma distracção, sem um prazer novo, que podesse combater e fazer supportar aquella atroz monotonia.

Seguindo os caprichosos torvelinhos de fumo do aromatico *havana*, que se iam adelgaçando até inteiramente desaparecerem, sonhava as delicias d'um paraizo de Mahomet onde *houris* formosas, cheias de mocidade e de belleza, meigamente o emballavam, acariciando-o doidamente a elle, ... a elle que, sem saber qual escolher, fechava os olhos, e ebrio de amor e desejos, se deixava cair palpitante e feliz no seio d'uma d'ellas, ao acaso, enquanto as outras o envolviam n'um circulo de voluptuosidade, com as suas danças de fogo deliciosamente impudicas.

Mas estes sonhos dissipavam-se ao mais leve ruido externo, e então Carlos, nervoso, passava a mão pela cabeça abrasada e ia para a portinhola espiaer, entreteendo-se a ver a dança macabra dos esguios pinheiros, que pareciam ter perdido a sua gravidade pedantesca, para, em torvelinhos vertiginosos, de companhia com as casas que alvejavam ao longe, se entregarem áquella orgia de movimento a que uma curva mais violenta da linha ferrea vinha pôr um brusco e repentino termo.

Mas eis que a machica começa a soprar e a diminuir de velocidade, até completamente suspender o movimento.

Era a estação da Regoa...

Carlos apeou-se e foi tomar um refresco, desentorpecendo em seguida as pernas em passeios ao longo da linha, até que um toque de sino, seguido do agudo som do assobio da machina, o fez apressadamente dirigir-se para o interior do carro.

Mas, ao subir, fez um gesto de admiração, vendo dois companheiros de viagem, que ali, muito commodamente, se tinham instalado.

Que felicidade! Ao menos, como até então, não morreria de aborrecimento pelo caminho; e cortejou cordialmente, sentando-se em seguida no primitivo lugar.

Os dois viajantes eram um homem já de meia idade, de apparencia agradável, e uma joven, que teria, quando muito, dezoito annos.

Não era esta uma belleza das que fascinam á primeira vista; mas o todo regular das feições, a doce suavidade do olhar e uma certa languidez que se lhe notava no corpo franzino, de uma correcção admiravel, captivaram instantaneamente o temperamento impressionavel de Carlos. Travou conversação com o velho que, depois de lhe responder laconicamente a meia duzia de logares communs, tirou um jornal do bolso, e pedindo-lhe cortezmente licença, começou uma leitura attenta.

Então Carlos voltou-se para a donzella, que se tinha aproximado da portinhola, achando-se portanto na sua frente; mas nem uma só palavra obteve.

Apenas um leve acenar de cabeça, tenues sorrisos, e olhares vagos, sem vida, sem fogo algum...

Com taes auspicios, Carlos emmudeceu furiosamente, mal-dizendo no intimo os importunos que lhe não permittiam a commodidade das posições variadas que até então gosára, sem o compensarem com o entretenimento d'uma palestra agradável, que fizesse parecer mais curtas as horas d'aquella estúpida viagem.

Remordeu o bigode, olhou atravez dos vidros, mecheu-se no logar, até que afinal tomou a heroica resolução de fechar os olhos e procurar dormir.

Estava havia alguns minutos n'uma deliciosa modorra, quando acorda estremunhado, sentindo o pé direito levemente acariciado por uma *bolina* delicada, que lhe pareceu ser de mulher. Não podia senão ser a da sua mysteriosa companheira; e Carlos, esfregando os olhos, olhou para ella que, sorrindo-se, punha o dedo na boca, indicando silencio.

O velhote, com a folha cahida nos joelhos, e resonando audivelmente, dormia o doce sompo da innocencia...

Carlos,, estupefacto, retirou inconscientemente o pé, que foi logo seguido pelo da desconhecida, que continuava a sorrir n'um mixto de candura e descaramento, que bem o fez scismar.

Mas, como todo e qualquer que se encontrasse nas mesmas circumstancias, creou ousadia, e entãc foi o seu pé que perseguiu o da visinha, que agora fugia em graciosos e estudados meneios.

Em seguida aventurou um aperto de mão, que foi calorosamente correspondido, e Deus sabe a que Carlos, electrizado, se atrevera, quando o velho estendeu os braços, abriu estrepitosamente a boca, olhou um pouco admirado à volta de si, levantou-se para afogentar o somno, e tornando logo a sentar-se ficou pensativo, a scismar, a scismar...

A rapariga, logo que elle acordou, transformou-se inteiramente, recabindo na primitiva seriedade e compostura.

Os pensamentos de Carlos, ao examinar tudo isto, todas es-

E o comboio continuava a sua carreira, fazia as costumadas paragens nas estações, detinha-se e caminhava, sem que Carlos de nada se apercebesse, sahindo sómente do seu enleio, quando se viu na estação do Pinheiro, no Porto.

Agora é que era preciso cuidado, não perder de vista os seus companheiros, seguil-os por toda a parte, até saber onde moravam...

E depois de ter feito um leve cumprimento de despedida, saltou apressadamente na gare.

Mal tinha dado dois passos, encontra-se com um antigo discipulo, um amigo querido da infancia.

—Tu por aqui, diz lhe este, abraçando-o.

—E' verd de: vim dar um passeio até ao Porto. E tu que fazes?

—Venho ao encontro de uns parentes. Ai... pelo que vejo elles fôram teus companheiros.

—Quaes?... aquelle sujeito e aquella menina?! Quem são? Estou ancioso por sabel-o.



O SETTER

as mutações de scena, eram tão varios como desconhecidos.

De certo aquella joven, que queria parecer ao pae—pois o velho era pae, não podia deixar de sel-o—uma virgem pudibunda, sem que um pensamento mau lhe podesse vir adajar na mente toda pureza, era uma astuciosa, talvez perdida pelas más leituras ou pelos conselhos perfidos d'uma parenta, amiga, ou creada devassa.

Era possivel que sabbisse do collegio, onde tivesse, em companhia de amigas gulozas, saboreado toda a longa litteratura galante que vae do cavalheiro de Faublas e dos contos de Boccaccio, até à «Therese phylosopha» ou «Serões do convento».

Talvez mesmó soubesse de cór os romances de Chatenay e quizesse tentar cá fóra a primeira aventura, aproveitando audazmente aquelle que o acaso lhe collocára no caminho...

E Carlos, ao pensar assim, sentia um profundo desgosto por ver uma joven tão galante e tão pervertida, mas tambem não queria perder a boa occasião que a fortuna lhe deparava. Continuou, portanto, procurando não ser visto do velhote, e enchendo-se de contentamento, ao perceber que não deixára de ser plenamente correspondido.

—O velho é meu tio e pae da menina que vem em sua companhia.

A pobresinha, em virtude de lhe ter morrido de repente o noivo, que adorava, ficou completamente louca. E' uma loucura inoffensiva a d'ella, cuidando só vér por toda a parte o e leito do seu coração e julgando sempre que a querem d'elle affastar.

Dizem-a incuravel; mas o pae vem ao Porto consultar os mais afamados medicos e tentar os ultimos recursos.

Desculpa o deixar-te, mas vou ter com elles.

Apparece lá por casa... ou manda-me dizer onde estás... Não te esqueças...

E, apertando as mãos, separou-se de Carlos, que ficou abstracto, immovel, a olhar para a rapariga que, de longe, lhe sorria meigamente...

P rto.

EDUARDO SEQUEIRA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica